

# A NARRATIVA DE ACHILLE MBEMBE E FRANTZ FANON

## O CONCEITO DE NECROPOLÍTICA E O DEVIR-NEGRO NO MUNDO

Wallison Tiago Rocha<sup>45</sup>

Bruna Carla dos Santos<sup>46</sup>

### RESUMO

Este trabalho aborda a convergência de pensamentos entre Achille Mbembe e Frantz Fanon, destacados intelectuais contemporâneos. Fanon, precursor dos estudos pós-coloniais, e Mbembe, crítico das estruturas coloniais, compartilham uma crítica contundente à lógica colonial. Ancorando-se nos conceitos de “Necropolítica” de Mbembe, que amplia a análise para micropoderes na sociedade, o texto destaca a regulação racista em sociedades colonizadas, desafiando a concepção democrática. Mbembe propõe o devir-negro no mundo, desvinculando a raça da fantasia ocidental, conectando-o à era do neoliberalismo. O trabalho conclui ressaltando a união de vozes entre Fanon e Mbembe, chamando à descolonização contínua e devem servir como ponto de partida em nossas análises conjunturais, visando fortalecer a luta antirracista e as possibilidades de resistência ao poder constituído dentro do Estado democrático de Direito.

**Palavras-chave:** Achille Mbembe; Frantz Fanon; Necropolítica; Devir-negro; Descolonização.

45 ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9388-0333>

Doutorando pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (POSLING), com foco em Literatura, Cultura e Tecnologia. A pesquisa concentra-se na análise do moderno e do contemporâneo na arte e na literatura, juntamente com as críticas correlatas, explorando as relações histórico-culturais intrínsecas ao campo artístico e literário, buscando refletir sobre o processo de construção do conhecimento filosófico e tecnológico no contexto cultural. Dedicou-se a investigação das concepções de espaço e identidade na literatura contemporânea, especialmente as narrativas de resistência à exclusão de indivíduos comuns. Nesse contexto, examinou as obras de autores teóricos e literários como Luiz Ruffato, Luís Alberto Brandão Santos, Doreen Massey, Ivete Lara Camargo Walty e Regina Dalcastagnè. Mestre Interdisciplinar em Artes, Urbanidade e Sustentabilidade (PIPAUS), da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ; 2019). Segunda Licenciatura em Artes Visuais. Graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS; 2014). E-mail: wallison\_tiago@hotmail.com.

46 Doutoranda pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), no qual estuda três escritores ligados a literatura afro-brasileira/ Lima Barreto, Luiz Silva (com pseudônimo Cuti) e Adão Ventura. Formada em Letras.Português/Espanhol e mestre em Letras- Literaturas de Língua Portuguesa, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MINAS; 2017) com o tema da memória afro-brasileira nas obras das escritoras Ana Cruz e Conceição Evaristo. Além disso, tem especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos pela Universidade Federal de Minas Gerais - , (UFMG;2023). E-mail: brunakaralalee@yahoo.com.br.

## ABSTRACT

This essay addresses the convergence of thoughts between Achille Mbembe and Frantz Fanon, prominent contemporary intellectuals. Fanon, a pioneer in post-colonial studies, and Mbembe, a critic of colonial structures, share a profound critique of colonial logic. Grounding itself in Mbembe's concept of "Necropolitics," which extends the analysis to micropowers in society, the text highlights racist regulation in colonized societies, challenging the democratic conception. Mbembe proposes becoming-black in the world, disentangling race from Western fantasy and connecting it to the era of neoliberalism. The essay concludes by emphasizing the unity of voices between Fanon and Mbembe, calling for continuous decolonization and serving as a starting point in our situational analyses to strengthen the anti-racist struggle and possibilities of resistance within the democratic rule of law.

**Keywords:** Achille Mbembe; Frantz Fanon; Necropolitics; Becoming-black; Decolonization.

## INTRODUÇÃO

*As desigualdades continuarão a crescer em todo o mundo. Mas, longe de alimentar um ciclo renovado de lutas de classe, os conflitos sociais tomarão cada vez mais a forma de racismo, ultranacionalismo, sexismo, rivalidades étnicas e religiosas, xenofobia, homofobia e outras paixões mortais.*

### **Achille Mbembe**

A narrativa interseccionada de Joseph-Achille Mbembe e Frantz Fanon desenha um panorama fundamental nos debates acadêmicos contemporâneos. Se outrora era o Movimento Negro que se apropriava exclusivamente do legado de Fanon, nos anos 1970, hoje seu pensamento está muito presente nas Ciências Humanas. Achille Mbembe, por sua vez, surge como um dos intelectuais africanos mais proeminentes da atualidade, com sua trajetória acadêmica iniciada nos anos 1980, marcando uma continuidade com as reflexões fanonianas.

De início, é de grande importância destacar que, devido à natureza da pesquisa bibliográfica, os resultados obtidos aqui são de ordem teórica, e buscam discutir as questões observadas a partir das leituras.

Frantz Fanon, nascido em 1925 e falecido em 1961, viveu pouco, mas sua influência é de extrema relevância, pois suas obras tornaram-se influentes nos campos dos estudos pós-coloniais, na teoria crítica e no marxismo. Associado aos estudos pós-coloniais e às abordagens decoloniais, Fanon foi um precursor e divisor de águas. Sua experiência na Argélia, filiado à Frente de Libertação Argelina em 1957, é central em sua visão anticolonialista. Durante o seu trabalho como pesquisador e psiquiatra, Fanon discutiu

sobre vários assuntos ligados a questão negra, como o racismo interiorizado num período tão conturbado, pelo qual estava inserido, assim, para o estudioso o racismo é uma chaga que transcende a mera retórica, e demanda uma análise profunda em todos os estratos da sociabilidade.

Mbembe, por sua vez, teve uma passagem pela Universidade de Duke, o que o aproximou do pensamento pós-colonial e o afastou criticamente das escolas francesas em que foi formado. Essa experiência revelou a ele que por trás do aparente cosmopolitismo residia um projeto colonial. Sua análise (distanciada) oferece uma visão crítica das estruturas que sustentam o colonialismo.

Ambos os pensadores convergem em um diagnóstico compartilhado: uma crítica contundente à lógica colonial. Fanon, entre territórios como Martinica, França e Argélia, teve uma vivência direta do colonialismo, infundindo suas incursões na filosofia e psicanálise, com uma necessária perspectiva anticolonial. Em contrapartida, Mbembe, com mais tempo para desenvolver suas ideias, oferece poderosas ferramentas analíticas para olhar o passado e compreender o presente.

Fanon reivindicava o direito dos “condenados da terra” ao status humano, denunciando a necessidade de uma “descolonização interior” na França. Esse chamado ecoa nas reflexões de Mbembe, que, ao analisar criticamente as estruturas coloniais, proporciona um arcabouço teórico valioso para enfrentar os desafios contemporâneos. Assim, o legado de Fanon não apenas perdura, mas é amplificado por intelectuais, como a brasileira e psiquiatra, psicanalista e escritora Neusa Santos e posteriormente com a ativista e escritora Lélia Gonzalez e como já citado o camarônes Achille Mbembe que continuam a tecer uma narrativa essencial na compreensão do devir-negro no mundo e do conceito de necropolítica.

Mbembe (2018) fundamenta suas reflexões teóricas em Michel Foucault para explicar o período colonial como o primeiro experimento biopolítico da modernidade, como evidenciado na seguinte citação:

A formulação de Foucault, o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico – do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros. Isso é que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) de “racismo” (MBEMBE, 2018, p. 18).

Dessa forma, o fenômeno da colonização é explorado para destacar a projeção do poder sobre a vida. Ao abordar o processo de violência enfrentado pelo povo negro durante essa fase histórica, o autor revela a extensão dessas desigualdades na formação dos Estados nacionais. Mbembe (2018, p. 33) destaca que a política realizada por um Estado compromete-se a “civilizar os modos de matar e atribuir objetivos racionais ao ato de matar”.

Mbembe (2018) estabelece um diálogo com o filósofo italiano Giorgio Agamben ao abordar a categoria “estado de exceção”, explicando as formas repressivas desenvolvidas pela política ocidental. Para Mbembe, essas práticas sociais sustentam as hierarquias raciais, e as ações empreendidas pelo Estado em nome da “segurança” revelam outras violações de direitos. Tal contexto propicia a emergência de situações marcadas pela violência, como descrito na seguinte passagem:

[...] Viver sob a ocupação contemporânea é experimentar uma condição permanente de “viver na dor”: estruturas fortificadas, postos militares e bloqueios de estradas em todo lugar; construções que trazem à tona memórias dolorosas de humilhação, interrogatórios e espancamentos; toques de recolher que aprisionam centenas de milhares de pessoas em suas casas apertadas todas as noites do anoitecer ao amanhecer; soldados patrulhando as ruas escuras, assustados pelas próprias sombras; crianças cegas por balas de borracha; pais humilhados e espancados na frente de suas famílias [...] (MBEMBE, 2018, p. 68-69).

É nesse contexto que a investigação de Mbembe (2018) faz referência ao conceito de necropolítica. Para o autor, é a partir do racismo que se desenvolve o poder de ditar quem deve viver e quem deve morrer, numa política de Estado que se pauta em um exercício contínuo de letalidade:

[...] racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “este velho direito soberano de matar”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e torna possíveis as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para aceitabilidade do fazer morrer (Mbembe, 2018, p. 18).

Torna-se evidente que as contribuições de Mbembe oferecem não apenas uma crítica incisiva às estruturas de poder historicamente estabelecidas, mas também instigam reflexões profundas sobre a relação intrínseca entre racismo, políticas de Estado e a perpetuação da violência. Essa compreensão desafia não apenas a forma

como interpretamos o passado, mas também nos impele a repensar e reconfigurar o presente, buscando, assim, construir um futuro mais equitativo e justo. Ao unir as vozes de Fanon e Mbembe, esse chamado à descolonização contínua revela-se como um ponto de partida essencial em nossas análises conjunturais, proporcionando uma base sólida para fortalecer a luta antirracista e explorar as possibilidades de resistência dentro dos princípios fundamentais do Estado democrático de Direito.

## NECROPOLÍTICA E BIOPODER EM ACHILLE MBEMBE

O pensador camaronês Achille Mbembe continua suas reflexões influenciadas por Frantz Fanon e pelas análises de Michel Foucault. Ele sustenta que a escravidão negra representa inescapavelmente uma narrativa da experimentação biopolítica, sendo um registro histórico da ascensão do terror moderno. No entanto, ao abordar as dinâmicas de poder nas sociedades contemporâneas, Mbembe introduz um conceito inovador: a necropolítica, e argumenta que os conceitos de biopoder e biopolítica são insuficientes para compreender plenamente o panorama político atual.

Nessa abordagem, Mbembe explora temas como “mundos de morte” e populações de “mortos-vivos” confinadas em determinadas topografias sociais. Assim, surge uma questão crucial ao considerar a interconexão entre Fanon, Foucault e Mbembe: em que medida o necropoder e a necropolítica se relacionam com a tese fanoniana presente em “Os condenados da terra” (Fanon, 2022), assim como o biopoder e a biopolítica foucaultianos. Isso visa determinar se Fanon e Mbembe compartilham o mesmo ponto de partida.

A obra de Mbembe, intitulada *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte* (2018), propõe uma análise profunda sobre questões cruciais relacionadas à vida, à morte, à democracia, ao estado de exceção e à razão negra. Inspirado pelo conceito de biopoder de Michel Foucault, Mbembe expande e problematiza as ideias do pensador francês, destacando a complexidade do controle das vidas humanas. Ele ressalta que esse controle não se limita ao macropoder, mas se ramifica em uma rede de micropoderes distribuídos em diferentes setores sociais.

Antes de adentrar na concepção mbemberiana de necropolítica, é relevante mencionar Foucault e seu conceito de biopoder, considerando este como uma “tradução” atualizada pelo filósofo camaronense. Referindo-se ao conceito de biopoder, cunhado por Michel Foucault isto é, à “(...) divisão entre as pessoas que têm de viver e as que têm de morrer [...] Mbembe (2017, p. 116) externa que a noção de raça compõem o pensamento político ocidental. Dessa maneira: “[...] Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e viabilizar as funções criminosas do Estado [...]” (Mbembe, 2017, p. 117).

Para Foucault (2005, p. 306), tirar a vida só é admissível no sistema de biopoder, e as noções de raça e racismo são condicionantes da aceitabilidade deste ato. Sendo assim, apresenta que: “[...] o racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém, para poder tirar a vida dos outros. A função assassina do Estado só pode ser assegurada desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo” (Foucault, 2005, p. 306).

Mbembe expande o micropoder foucaultiano, destacando que o controle das vidas não se concentra apenas no macropoder, mas fragmenta-se e distribui-se em uma rede, com agentes que vigiam, disciplinam e punem os “corpos dóceis”. Nessa conjuntura, Foucault menciona que “o indivíduo é o efeito do poder e, simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu” (FOUCAULT, 1989, p. 183-184).

A obra de Mbembe (2018, p. 7) aborda questões cruciais: “Que lugar é dado à vida, à morte e ao corpo humano (especialmente ao corpo ferido ou massacrado)? Como estão inscritos na ordem do poder?”. O autor busca analisar a instrumentalização generalizada das vidas humanas e a destruição dos corpos marginalizados, questionando a própria concepção de democracia e seu funcionamento nas colônias.

Diferentemente de Foucault, Mbembe destaca-se ao problematizar a necropolítica, na qual o racismo é o regulador das sociedades colonizadas, determinando quem vive e quem morre, criando uma geografia da morte. O espaço dos corpos excluídos não é uma zona isenta de leis, mas sim um projeto do necropoder, distinto de uma crise democrática.

Mbembe desafia a noção de democracia e sua aplicabilidade nas colônias, considerando-a uma falácia no Ocidente. Ele argumenta que a democracia, frequentemente associada ao estado de exceção, perpetua dispositivos de controle, exclusão e genocídio. Ou seja, a transição histórica de regimes autoritários para democracia não implica necessariamente uma transformação substancial, mantendo a presença persistente da necropolítica.

O filósofo camaronês denuncia a ilusão de uma democracia real quando esta aceita sujeitos racistas e que defendem a tortura como parte do sistema formal. Ele desafia a noção de soberania dentro da democracia, questionando quem é o soberano e como a razão, frequentemente usada para justificar a democracia, é instrumentalizada para promover a morte, configurando uma “necrorrazão”.

Mbembe aprofunda-se na crítica à razão como princípio universal, demonstrando como tal conceito, historicamente construído, serve como instrumento de destruição dos corpos marginalizados. Contrapondo-se às revoluções europeias que buscavam uma sociedade humanizada, Mbembe ressalta que esses princípios não se estendiam às colônias, onde a razão era utilizada para desumanizar e legitimar a opressão.

A abordagem de Mbembe não descarta a concepção de biopoder, mas a considera insuficiente para compreender as formas recentes de subjugação da vida ao poder da

morte. Na vivência contemporânea, observamos diversos casos de genocídio, não apenas promovidos pelo Estado, mas também por milícias organizadas internamente. Assim, o foco não reside apenas na regulação e controle da vida, mas principalmente na prática constante, por vezes banalizada ou naturalizada, da política da morte.

A obra *Crítica da Razão Negra* (MBEMBE, 2017) complementa a compreensão da necropolítica, evidenciando como o discurso do colonizador branco cria estereótipos e preconceitos sobre o negro. Mbembe enfatiza a necessidade de dismantelar estruturas desumanizadoras, considerando essencial a mudança de discursos e pensamentos que fundamentam a necropolítica. Essas leituras oferecem uma visão crucial para compreender as relações sociais, especialmente no Brasil, um exemplo marcante de políticas de morte.

## O CONCEITO DE DEVIR-NEGRO NO MUNDO

Quisemos escrever este livro à semelhança de um rio com múltiplos afluentes, neste preciso momento em que a história e as coisas se voltam para nós, e em que a Europa deixou de ser o centro da gravidade do mundo. (MBEMBE, 2017, p. 9).

É fundamental ressaltar que o conceito de “devir” refere-se ao processo que emerge a partir de um encontro, mais precisamente, às profundas transformações que ocorrem a partir desse encontro. O devir representa essa zona de proximidade que se estabelece entre dois seres em interação, sendo algo que não se resume a “imitar, identificar-se, regredir-progredir, corresponder, instaurar relações correspondentes, produzir, ou produzir uma filiação” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 19). Isso significa que afirmar que algo ou alguém está em um processo de devir-criança não implica simplesmente em imitar ou assumir a identidade de uma criança, mas sim indica o surgimento de um processo a partir do encontro com a criança.

Já o conceito de “devir-negro” no mundo, conforme introduzido por Achille Mbembe, proporciona uma visão intrigante sobre a população vulnerável sujeita a formas extremas de coerção e extermínio. O destaque crucial reside na distinção marcante que Mbembe estabelece em relação à concepção tradicional de raça gerada pela modernidade ocidental. Sua análise refuta a ideia de uma definição imutável de raça e negro ao longo do tempo, desvinculando-se da fantasia ocidental que historicamente moldou esses conceitos.

Para Mbembe, a raça e a identidade negra são processos em constante transformação, e ele propõe o devir-negro como uma evolução que transcende a fantasia racial ocidental.

Pela primeira vez na história da humanidade, o nome negro deixa de remeter unicamente para a condição atribuída aos genes de origem africana durante o primeiro capitalismo (predações de toda a espécie, desapossamento da autodeterminação e, sobretudo, das duas matrizes do possível que são o futuro e o tempo). A este novo

caráter descartável e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização ao mundo inteiro, chamamos devir negro do mundo (MBEMBE, 2017, p. 18).

Mbembe conecta o devir-negro à era do neoliberalismo<sup>47</sup> descrevendo-a como um período em que o tempo é convertido em uma força reprodutiva para o capital, desencadeando uma escalada em busca de maximização dos lucros. Essa fase do capitalismo resulta na fusão entre o capitalismo e o animismo, gerando implicações profundas para a compreensão futura da raça e do racismo. O tempo é convertido em uma força reprodutiva para o capital, desencadeando uma escalada em busca de maximização dos lucros. Essa racionalidade política globalizada impõe-se de maneira abrangente, moldando não apenas as relações econômicas, mas também as relações sociais e a própria estrutura do Estado.

A perspectiva instigante sobre a tese do devir-negro no mundo reside na população vulnerável sob o poder de coação e extermínio. A diferença marcante entre a demarcação dessa raça por Mbembe e a fantasia da raça criada pela modernidade ocidental não participa diretamente da construção fantasiosa da raça. É importante salientar que, para Mbembe, a raça e o negro nunca foram definidos de uma só maneira imutável ao longo do tempo, e ele argumenta que o devir-negro não se baseia na fantasia ocidental chamada raça.

Dessa forma, a ideia do devir-negro do mundo está intrinsecamente ligada à concepção da “razão negra”, introduzindo uma abordagem distinta para compreender a realidade. Conforme apontado por Mbembe (2017, p. 57), essa razão engloba um conjunto diversificado de “vozes, enunciados e discursos, saberes, comentários e disparates, cujo objeto é a coisa ou as pessoas ‘de origem africana’ e aquilo que afirmamos ser o seu nome e sua verdade”. A razão negra representa um conjunto complexo tanto “de discursos como de práticas” que procura moldar a compreensão do ser negro como um “sujeito de raça e exterioridade selvagem, passível de desqualificação moral e de instrumentalização prática” (58). Desse modo, na era atual do neoliberalismo, somos todos equiparados a uma razão negra épica, transformando o “devir” de uma potência para um ato.

O devir-negro do mundo, conforme delineado por Mbembe, implica na universalização da condição negra, coincidindo com o surgimento de práticas imperiais inéditas. Ele destaca que essa universalização é simultânea à persistência de lógicas escravagistas e coloniais, incluindo guerras civis ou raciais de períodos anteriores. Mbembe argumenta que o negro, enquanto construção racista, só deixará de funcionar como tal desclassificação quando for desvinculado dessa plataforma de poder instaurada (Mbembe, 2017, p.09).

47 “Não se trata somente de políticas econômicas monetaristas ou de austeridade, de mercantilização das relações sociais ou de ditadura dos mercados financeiros. Trata-se mais fundamentalmente de uma racionalidade política que se tornou mundial e que consiste em impor por parte dos governos, na economia, na sociedade e no próprio Estado, a lógica do capital até a converter na forma das subjetividades e na norma das existências” (DARDOT E LAVAL, 2019, p. 1).



Por isso, quando nos deparamos com a ideia de um “devir-negro” do mundo, inicialmente, ela causa estranhamento e surpresa. No entanto, para Mbembe, a questão do negro está intrinsicamente ligada à história do capitalismo. Para o autor, o capitalismo possui um “duplo instinto” (Mbembe, 2017, p. 299): de um lado, a violação ilimitada de todas as formas de interdito; de outro, a abolição de qualquer distinção entre os meios e os fins. O negro surge como produto desse duplo instinto, sendo considerado por Mbembe (2017, p. 299) a “figura exemplar de uma violência sem limites e de uma precariedade sem limites”. No contexto capitalista, todos aqueles que não são proprietários dos meios de produção são subalternizados, ou, de acordo com a linguagem de Mbembe, são considerados “negros”.

O avanço predatório do capitalismo para explorar os cantos mais remotos do planeta é destacado por Mbembe (2017, p. 299, *itálicos do autor*): “Poder predador, poder autoritário e poder polarizador, o capitalismo precisou sempre de *subsídios raciais* para explorar os recursos do Planeta”. Assim, a ideologia racista e a exploração capitalista se consolidam como partes integrantes de um único processo essencial para a própria formação do capitalismo. Essa interligação é tão marcante que o próprio capitalismo não hesita em “colonizar o seu próprio centro, e que as perspectivas de um *devir-negro do mundo* nunca tenham sido tão evidentes” (Mbembe, 2017, p. 299, *itálicos do autor*). Portanto, assumir-se como negro é antecipar o destino final muitas vezes imposto no sistema capitalista, que objetifica o governo interno e externo dos seres humanos e seus corpos.

A análise crítica de Mbembe sobre o devir-negro do mundo também se estende ao campo democrático, considerando a raça como um dos fatores de estratificação social. Isso possibilita uma avaliação mais profunda da inserção do corpo negro na política moderna, na era da globalização e no contexto iminente do devir-negro do mundo. Essa perspectiva oferece insights valiosos para compreender a condição do corpo negro diante dos desafios contemporâneos – como as dívidas históricas do neoliberalismo, a colonização e a exploração. Em última análise, o devir-negro do mundo emerge como uma narrativa complexa e crítica que instiga a reflexão sobre as interseções entre gênero, raça, classe e poder e as transformações globais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entrelaçamento das reflexões de Achille Mbembe e Frantz Fanon delinea uma narrativa intrinsecamente conectada às complexidades contemporâneas. Esta união de vozes, mesmo atravessando diferentes épocas e contextos geográficos, ressoa como um eco crítico que transcende os limites temporais. Fanon, com sua experiência direta na luta anticolonial, e Mbembe, crítico incisivo das estruturas coloniais modernas, formam uma simbiose de pensamentos que não apenas perdura, mas também floresce na atualidade.

Frantz Fanon, apesar de sua partida precoce, deixou um legado imortal às Ciências Humanas, elevando sua voz contra a opressão colonial. Sua visão antirracista e suas incursões filosóficas ressoam em cada página escrita, provocando uma reflexão contínua sobre as dinâmicas sociais profundamente enraizadas. A vivência de Fanon na Argélia, sob o jugo colonial, infundiu suas análises com uma autenticidade que transcende as barreiras temporais, tornando-se uma fonte inesgotável de inspiração para as gerações subsequentes.

Achille Mbembe, por sua vez, emerge como uma voz contemporânea construindo sobre os alicerces estabelecidos por Fanon. Sua análise crítica das estruturas coloniais, especialmente na obra *Necropolítica*, não apenas expande os horizontes do pensamento fanoniano, mas também oferece ferramentas conceituais fundamentais para desvelar as nuances do presente. A distância crítica de Mbembe em relação às escolas de pensamento francesas e sua imersão nas realidades coloniais conferem uma perspectiva única, desafiando universalidades aparentes e expondo projetos coloniais subjacentes.

Ambos os pensadores convergem em uma crítica contundente à lógica colonial que persiste nas estruturas políticas, sociais e econômicas contemporâneas. A necropolítica, delineada por Mbembe, revela-se como um fenômeno multifacetado que atravessa fronteiras, determinando quem vive e quem morre em uma geografia da morte. Essa crítica, entrelaçada com a noção fanoniana de descolonização, desafia os alicerces das narrativas dominantes e convoca a uma reavaliação profunda das estruturas que perpetuam a opressão.

O legado de Fanon e – agora amplificado por intelectuais como Mbembe – serve tanto como um testamento histórico, como uma bússola moral para os desafios contemporâneos. A narrativa que eles tecem transcende o acadêmico, alimentando um chamado à ação, à descolonização contínua das mentes e estruturas que moldam nosso mundo. A crítica à razão como uma força instrumentalizada para a destruição, a desumanização dos corpos marginalizados e a desconstrução dos discursos coloniais são caminhos essenciais para forjar um futuro mais equitativo e compassivo.

Neste diálogo intergeracional, a voz de Fanon sussurra em cada linha escrita por Mbembe, e vice-versa, criando uma sinfonia de resistência e esperança. Suas análises, convergindo em uma crítica à necropolítica e à instrumentalização da razão, transcendem as fronteiras do pensamento acadêmico para ecoarem como um chamado universal à transformação. Que esta união de vozes continue a inspirar aqueles que buscam desafiar as estruturas opressivas, moldando um futuro no qual a dignidade humana não seja um privilégio, mas um direito inalienável para todos.

## REFERÊNCIAS

- DARDOT, P.; LAVAL, C. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1997. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo, Ed. 34, 232p.
- FANON, Frantz. (2008), Pele Negra Máscaras Brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador, EDUFBA.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Tradução de Roberto Machado. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989, pp. 179/191
- FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). (Trad.) Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. 2. ed. Lisboa: Antígona, 2017.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Rio de Janeiro: n-1 edições, 2018.